

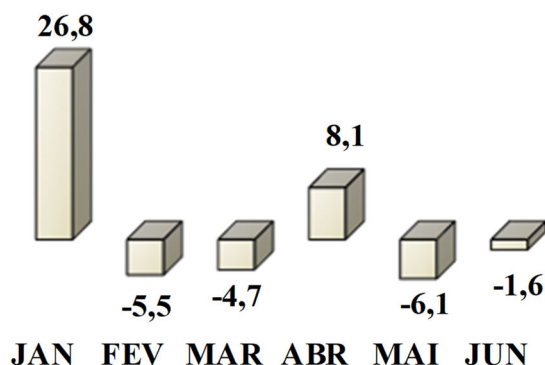
TENDÊNCIAS DO COMÉRCIO DISTRIBUIDOR DE PRODUTOS QUÍMICOS E PETROQUÍMICOS

O mês de junho

As vendas em dólares dos distribuidores de produtos químicos e petroquímicos registraram queda de 1,6% na comparação com o mês de maio, enquanto as vendas medidas em reais cresceram 2,7%. A maior parte dos participantes apontou desempenho inferior ao esperado, sendo calculada uma queda média de 6% relativas às expectativas declaradas. A elevada variação cambial influenciou as vendas de compradores que aguardaram melhor ocasião para repor os estoques, que na média foram considerados elevados, diante do comportamento pouco animador do setor industrial, receptor dos insumos e matérias primas fornecidos pela distribuição. Por outro lado, as vendas efetuadas para as empresas que necessitaram os insumos geraram maior receita para os vendedores, em função do dólar mais elevado.

As variações mensais das vendas em dólares no decorrer dos seis meses do ano, são apresentadas no gráfico seguinte.

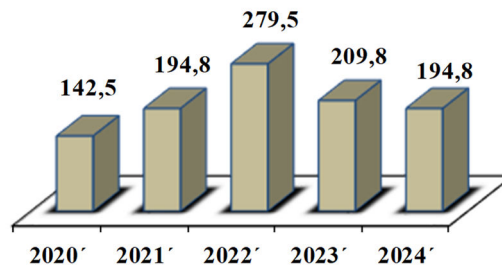
VARIAÇÃO PERCENTUAL DAS VENDAS MENSAIS EM DÓLARES JANEIRO A JUNHO



Decorridos seis meses do ano observa-se que predominaram as variações mensais negativas, com apenas dois meses mostrando crescimento em relação ao mês anterior, caso de janeiro comparado com dezembro do ano passado e abril comparativamente a março, que neste ano apresentou desempenho totalmente fora dos parâmetros históricos. O mês de junho na comparação com maio mostrou redução de 1,6%.

A comparação que se apresenta a seguir mostra os índices das vendas em dólares dos meses de junho a partir de 2020.

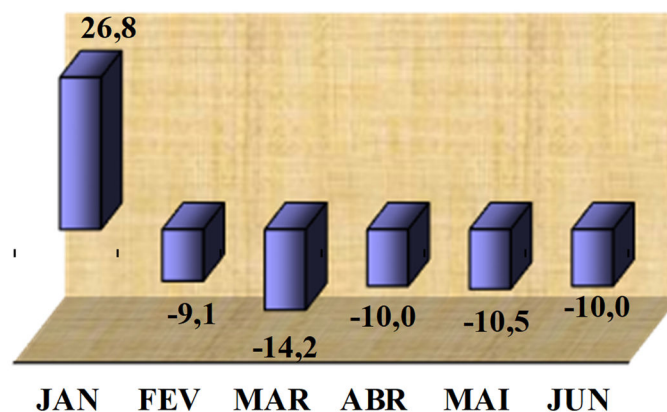
ÍNDICES DAS VENDAS EM DÓLARES MESES DE JUNHO - 2020 A 2024



O início da série apresenta índices das vendas em dólares do mês em que a pandemia ainda mostrava seus efeitos danosos na economia. Nos dois anos seguintes as vendas reagiram, chegando no ano de 2022 a apresentar vantagem de 96,1% relativamente ao primeiro índice da série. No entanto, nos dois anos posteriores as variações registraram queda em relação ao ano anterior, com o ano em curso mostrando redução de 7,2% na comparação com o ano anterior. Resta observar o desempenho dos próximos meses para se aquilatar a tendência futura, uma vez que o segundo semestre de cada ano é sempre mais positivo que os seis meses iniciais do ano.

Com o resultado obtido nas vendas de junho é possível apresentar série gráfica mostrando a evolução das vendas acumuladas até os respectivos meses decorridos, na comparação com iguais períodos do ano passado.

VENDAS ACUMULADAS EM DÓLARES JAN – JUN VARIÇÃO PORCENTUAL



Os dois primeiros meses da série confirmaram a sazonalidade do setor com fevereiro inferior às vendas de janeiro, que por sua vez utilizaram a base reduzida de dezembro para apresentar forte variação positiva. Na medida em que se adicionou à série, novos meses, obteve-se sucessão de variações negativas estabilizadas na casa dos 10%.

Condições de operação

Iniciando pelos títulos em atraso a mais de um dia na carteira de recebimentos das empresas, não foi observada grande alteração no estado anterior do item, com média muito próxima de 2%, variação que demonstra que as empresas consultadas não colocam os atrasos no ranking das principais preocupações, até porque dois terços das respostas indicaram ter havido redução nos títulos em atraso pelo critério citado anteriormente.

As quantidades comercializadas dos itens de origem nacional cresceram 5,6% no mês em análise, enquanto os de origem externa apresentaram decréscimo de 2,3%. Os estoques continuam a ser operados em níveis assim por dizer, de espera para possível melhoria do mercado, equivalendo em média a 61 dias de vendas, com algumas empresas trabalhando com níveis muito reduzidos, inferiores a um mês de vendas. Nunca é demais lembrar que os patamares de estoques dependem principalmente do "mix" de comercialização e da dificuldade da reposição, razão pela qual alguns informantes mantêm estoques em níveis bem superiores à média apurada nesta pesquisa de opiniões.

Questão introduzida nas perguntas constantes da consulta, apontou o desempenho negativo apurado por este boletim até o mês analisado, tanto nas vendas em dólares, quanto nas medidas em reais, como sinalizador de desempenho comprometido para o segundo semestre do ano. As respostas se dividem em igual proporção, com metade das indicações concordando com a colocação e a outra metade dela discordando, em razão do fato comprovado historicamente, de que o segundo semestre do ano supera o primeiro em termos de desempenho de vendas.

As respostas recebidas a respeito da influência negativa da maior entrada de itens de origem externa em detrimento dos nacionais, apontaram concordância sobre o assunto com argumentações diferenciadas, sendo a mais direta se referindo aos preços mais atrativos dos importados, no início do ano, em decorrência da queda da demanda internacional, notadamente nos itens adquiridos de exportadores chineses. Tais preços, no entanto, foram modificados mais recentemente para maiores níveis, em função do crescimento dos fretes internacionais.

No referente à diferença observada entre os indicadores favoráveis publicados pelo IBGE e o desempenho negativo das vendas do setor distribuidor, algumas explicações foram dadas pelos consultados. Apesar do aumento temporário da massa salarial, alguns setores do comércio responderam positivamente, em razão do aumento de renda devido a determinados programas sociais que redundaram em aumento de 5,6% no acumulado do ano das vendas do comércio varejista até maio e aumento de 3,4% nos últimos 12 meses. A produção industrial acumulou crescimento de 2,5% nos cinco primeiros meses do ano e de 1,3% nos últimos 12 meses. Por sua vez, o setor de serviços reduziu a velocidade de crescimento para 1,3% nos cinco meses do ano, com evolução positiva de 2% nos últimos 12 meses. De qualquer forma, as variações podem ser consideradas modestas, sem irradiar reflexos mais positivos no crescimento da oferta e dos investimentos, que dependem de outras variáveis relacionadas com a definição de um planejamento claro de crescimento, sem os fatores limitadores relacionados com os conflitantes posicionamentos existentes até o fechamento deste relatório. O ambiente interno ainda sem amplas definições, aliado ao nível ainda elevado da taxa básica de juros impediu o crescimento das aquisições junto à distribuição, uma vez que a desvalorização do real tornou os estoques mais caros, uma vez que grande parte dos itens comercializados pela distribuição é valorizada pela moeda externa.

De qualquer forma e apesar da situação atual da economia e do desempenho até junho ainda negativo em dólares e em reais, as empresas consultadas consideraram que o ano poderá apresentar alguma reação no segundo semestre, confirmando o comportamento histórico do setor e revertendo, ao menos em parte, o desempenho bastante desanimador observado até o momento.

Expectativas futuras

A média das previsões de vendas em dólares para o mês de julho aponta crescimento de 3,6% comparativamente ao desempenho obtido em junho. A situação atual até o mês de encerramento do primeiro semestre do ano indica variações negativas tanto nas vendas em dólares quanto nas medidas em reais, o que torna de difícil alcance a meta esperada pelas empresas.

O mercado caracterizado pelos participantes deste painel foi definido como lento em termos de negócios, com oferta tendendo para patamar superior em relação a demanda, enquanto os preços se posicionam entre estáveis e ligeira tendência de baixa. O índice de confiança segundo as indicações, oscila entre estável e em baixa, consolidando a desconfiança dos agentes do setor no comportamento do mercado, em face das pendências e fatos a serem definidos e postergados, muitos deles desde o início do ano. Alguns destes assuntos e matérias são continuamente colocados em regime de espera, no aguardo de acordos e determinações cujas negociações entre os poderes perduram por tempo superior ao considerado razoável.

Enquanto isso, os indicadores do lado real das operações se mantêm com variações reduzidas, a exemplo da produção industrial, do comércio e dos serviços. Os demais indicadores macroeconômicos apesar de alguns números positivos, só não se consolidam em razão da indefinição que cerca as diretrizes da política fiscal e determinação do déficit real a ser alcançado neste e no próximo ano.

Nesta mesma situação se encontram as linhas gerais de regulamentação da política tributária, aprovada finalmente pela Câmara dos Deputados, mas na dependência de um exame adicional do Senado Federal e da determinação do teto a ser anunciado e seu efeito na carga tributária total. Mais um caminho a ser percorrido, dependendo de acordos e definições nem sempre favoráveis.

Enfim, tudo muito lento e incerto a provocar insegurança ao mercado que se manifesta de acordo com as sinalizações do momento, ocorridas diante dos posicionamentos frequentes a respeito da atuação do Ministério da Fazenda e do Banco Central, responsável este último pela administração da taxa básica de juros, em polêmicas que não colaboram para a pacificação entre o Poder Executivo e os agentes deste mercado, extremamente sensíveis aos movimentos não racionais.

Leonel Tinoco Netto é consultor econômico da ASSOCIQUIM/SINCOQUIM, professor de economia, diretor da Assec Assessoria e Estudos Econômicos e ex-conselheiro do Conselho Regional de Economia de São Paulo.